

A COLÔNIA DO CARPINA:

A dinâmica espacial e o corpo leproso na narrativa de um interno no ano de 1975.

José Jhonys Ferreira¹

Artigo recebido em: 18/04/2023.

Artigo aceito em: 23/11/2023.

RESUMO:

Neste trabalho, a partir da narrativa do paciente Mariano Mendes dos Santos Filho, analisamos a dinâmica espacial da Colônia do Carpina, a percepção do corpo leproso e as relações de poder estabelecidas nesse espaço em 1975. A metodologia consistiu em uma combinação analítica de fontes orais, em particular, o depoimento de Mariano Filho e documentos escritos, como as leis e decretos. Certeau (1998), Foucault (1987) e Porter (1992) foram utilizados como referenciais teóricos para discussão das noções de espaço, poder e corpo, respectivamente. O estudo focou em um período de transição no qual a política do isolamento foi gradualmente sendo substituída em razão da sua ineficácia e da descoberta dos derivados da sulfona.

PALAVRAS-CHAVE: Piauí; Lepra; Corpo.

THE CARPINE COLONY:

The spatial dynamics and the leper body in the narrative of an intern of the 1970s.

ABSTRACT:

In this work, based on the narrative of the patient Mariano Mendes dos Santos Filho, we analyze the spatial dynamics of the Carpina Colony, the perception of the leper body and the power relations established in this space in 1975. The methodology consisted of an analytical combination of oral sources, in particular, the testimony of Mariano Filho and written documents, such as laws and decrees. Certeau (1998), Foucault (1987) and Porter (1992) were used as theoretical

¹ Graduado em História Pela Universidade Federal do Piauí. Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6539822301369988>; e-mail: jhonys35251476@gmail.com.

references for the discussion of the notions of space, power and body, respectively. The study focused on a transitional period in which the policy of isolation was gradually replaced due to its ineffectiveness and the discovery of sulfone derivatives.

KEYWORDS: Piauí; Leprosy; Body.

1. Introdução

Em julho de 1931, foi inaugurado em Parnaíba, Piauí, o leprosário São Lázaro, uma instituição médica para o isolamento dos leprosos da cidade. Uma década após a sua fundação, pelo decreto estadual nº 398, de 1941, a instituição então incorporada à administração pública foi renomeada, passando a ser denominada Colônia do Carpina.

A colônia era um espaço bastante dinâmico, em outras palavras, um lugar praticado, caracterizado pelos movimentos, pelas relações sociais, históricas e culturais estabelecidas entre os sujeitos (CERTEAU, 1998). Neste trabalho pretende-se analisar como foi configurada a dinâmica espacial da Colônia do Carpina e a percepção do corpo leproso na instituição em 1975, num período em que o tratamento da lepra² já era realizado a partir do emprego da sulfona.³ A descoberta da “eficácia” do medicamento derivado desse composto químico na década de 1940, representou um grande avanço científico; não proporcionava uma cura imediata, mas, a longo prazo, possibilitava melhoras significativas aos pacientes. Segundo Oliveira (2012), o advento da sulfona, as despesas acarretadas com a manutenção de uma colônia e a própria ineficácia da política de isolamento permitiram que os médicos comesçassem a questionar o sistema de internação compulsória. Apesar disso, as colônias continuaram funcionando normalmente e prestando o atendimento aos casos mais avançados da doença.

A presente discussão tomou como fio condutor o depoimento do Sr. Mariano Mendes do Santos (um paciente remanescente da instituição), combinando,

² Embora atualmente denomine-se hanseníase, optamos pelo termo “lepra” porque era o nome mais popular para a doença na época dos acontecimentos.

³ Composto químico base para a produção do antibiótico utilizado no tratamento da lepra.

portanto, a microanálise e a operacionalização de fontes orais. Além disso, utilizamos documentos escritos (leis, decretos etc.) e a literatura científica disponível.

Em relação às reflexões teóricas, foram buscadas àquelas produzidas em torno dos espaços, do corpo leproso e das relações de poder. Nesse sentido, as análises de Certeau (1998), Silva et al (2018), Porter (1992) e Foucault (1996), foram essenciais, uma vez que esses autores trouxeram importantes contribuições sobre tais questões.

O trabalho foi subdividido em três momentos diferentes. No primeiro apresentamos o processo no qual Mariano dos Santos descobriu a doença e foi internado na colônia. Posteriormente, discutimos a percepção do corpo leproso esboçada por esse personagem. E por fim, construímos algumas análises da dinâmica espacial do cotidiano da colônia e das relações de poder que eram estabelecidas nela.

2. O encontro com o médico, com a doença e uma internação surpresa.

Por volta do ano de 1975, em mais um dia rotineiro da Colônia do Carpina, chegou um homem com um garoto de apenas catorze anos de idade. O rosto desse senhor não era incomum naquele ambiente, há pouco tempo havia estado internado ali, porém, devido aos avanços no seu tratamento com os derivados da sulfona, gozava da possibilidade de continuá-lo fora daqueles pavilhões coloniais.

Desse modo, enquanto eles se encaminhavam para o consultório médico, é provável que algum amigo (a) de outrora tenha vindo indagá-lo a respeito dos motivos daquela sua inesperada visita, e o pai meio desconfiado em decorrência dos seus planos, disse em rápidas palavras que tinha indo visitar a filha e aproveitou para levar o irmão dela que estava passando uns dias em sua casa e ajudando-o “a cuidar de uma roça”. Assim, como quase tudo era próximo no interior da colônia, logo

chegaram ao destino pretendido, no qual encontraram o Dr. Mariano Lucas de Sousa⁴ e o Sr. Alberto.

Mariano Lucas de Sousa, era um médico de 62 anos de idade, natural de Buriti dos Lopes-PI e ocupava o cargo de diretor da colônia há cerca de 23 anos. Nascido em 1913, concluiu os estudos primários na própria terra, posteriormente, traçou um percurso acadêmico que o levaria a viver em São Luís e Salvador. Em terras maranhenses, cursaria o ginásio e o preparatório e, finalmente, na segunda metade da década de 1930, estudaria medicina na capital baiana, onde formaria pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1940.

Assim, quando concluiu o curso de medicina e retornou para a terra natal, Mariano passou a exercer o seu ofício em cidades como Piracuruca e Luzilândia. Conforme Nascimento (2018) em 1947, com apenas 34 anos de idade, chegou à Parnaíba com sua família, onde foi recebido pelos grandes nomes da medicina parnaibana e piauiense, como por exemplo, os médicos Mirocles Veras Campos, Cândido Athayde, entre outros.

Em Parnaíba, após algum tempo começou a se envolver nos trabalhos médicos da colônia. Segundo Alvarenga (2011, p. 252) ele prestava “serviços como clínico, dermatologista e obstetra, contrariando a vontade de seus familiares.”. Sendo assim, se levamos em consideração que em 1952 viria se tornar o diretor da instituição, assumindo uma posição antes ocupada pelo Dr. Martinelli, percebe-se que ele precisou superar resistências entre a própria família para exercer seu ofício na Colônia do Carpina por quase três décadas.

Dessa forma, naquele dia de 1975, quando avistou aquele homem – um interno que havia recebido alta recentemente da colônia e residia nas proximidades – entrando em seu consultório acompanhado do filho, possivelmente o reconheceu, exceto o garoto, já que se tratava da primeira vez que estava ali. Em tantos anos de experiência, andando pelos pavilhões da colônia – auxiliado por seus dois

⁴ Os internos o chamavam de “papai” ou “Dr. Mariano”. Ao longo do texto vamos utilizar a segunda expressão.

“seguranças” –, examinando os corpos das pessoas doentes, conversando com os internos, escutando e anotando suas reivindicações de utensílios gerais, como sapatos, roupas, sandálias, lençóis, cobertores, entre outros, decerto nunca havia notado a presença daquele “rapazinho” entre os demais pacientes. Mas também não deveria ser tarefa das mais simples para o médico reconhecer nem mesmo alguns dos pacientes que viviam nessa instituição há algum tempo, pois a colônia vivia constantemente superlotada. O seu espaço era animado diariamente pelo fluxo de pessoas, uma movimentação social cotidiana que oferecia uma dinâmica própria na espacialização dos lugares, isto é, nos processos de transformação dos lugares em espaços através da vivência e da prática. (CERTEAU, 1998).

A superlotação, as entradas e saídas de doentes eram processos recorrentes no cotidiano da Colônia do Carpina. Diante dessa rotatividade, não era incomum que o médico esquecesse da identidade social de um ou outro paciente, contudo, aquele homem que estava diante do Dr. Mariano Sousa, meses antes ao receber alta da colônia “[...] comprou uma casa e se juntou com outra mulher [...]” (SANTOS FILHO, 2018, p. 113), em vez de retornar para Teresina onde havia deixado a esposa e os filhos; talvez essa súbita mudança de vida do paciente ajudasse o médico a lembrar dele.

Desse modo, a pedido do pai, o Dr. Mariano Sousa examinou o rapaz, auxiliado pelo Sr. Alberto, que era um auxiliar de enfermagem da instituição. Os dois examinavam atentamente todas as partes do corpo dele, a fim de encontrar algum sintoma suspeito, mas não conseguiam identificar nada. Após a realização desse processo na íntegra, o Dr. Mariano Sousa teve uma conversa em particular com o pai do garoto e, em seguida, eles foram para a casa do prefeito da colônia⁵, pois era lá que morava a filha desse senhor, ainda criança. Prefeito era um cargo

⁵ A colônia do carpina, como as outras construídas pelo Brasil, tinha uma estrutura semelhante à de uma pequena cidade. O seu interior era formado por prefeitura, delegacia, escola, caixa beneficente etc. No caso da instituição situada em Parnaíba, conforme Santos Filho (2018, p. 114) “[...] quem tinha uma família, tinha uma casa pra morar”, mas essa sua irmã era muito pequena, por isso, vivia com o prefeito e sua família.

político-administrativo interno assumido por um paciente que representava à comunidade doente diante da cúpula administrativa da colônia.

Quando Mariano Filho e seu pai chegaram à casa do prefeito, este último não se encontrava. Eles se sentaram na calçada e ficaram esperando por alguns minutos, até que um sujeito estranho, com o corpo cheio de esparadrapos e de muleta se aproximou. Era o prefeito, que já sabendo do diagnóstico, veio informar ao Mariano Filho de que ele precisaria ficar na colônia para “se tratar da doença”. Enquanto isso, o pai já havia inventado uma “desculpa” e ido embora, sem que o garoto percebesse.

Quando o prefeito informou sobre a doença e da necessidade da internação, Mariano Filho começou chorar. Ele mesmo confessa que entrou em estado de desespero e não pensou em outra a não ser fugir. A viagem que a mãe planejou e realizou com o filho não tinha nada a ver com uma mera visita familiar; na realidade, meses antes, ao levar o filho ao médico para se consultar, ela acabou descobrindo que ele estava com lepra, no entanto, não lhe contou sobre o diagnóstico, com medo dele não se conformar e não aceitar viajar à Parnaíba para se tratar na Colônia do Carpina.

Mariano Filho tinha uma irmã, ainda criança, que vivia internada na colônia, mais especificamente na casa do prefeito. Desse modo, a mãe disse ao filho que eles iriam à Parnaíba para visitar o pai e a filha (irmã de Mariano Filho). Quando chegaram à Parnaíba, a mãe contou à situação ao pai, que tratou de procurar convencer o filho de ficar em sua casa, dizendo que ele precisaria ficar, pois eles “tinham uma roça para cuidar.” (SANTOS FILHO, 2018, p. 116).

Apesar de ter sido diagnosticado com a lepra pelo médico de Teresina, chegando à Parnaíba, dias depois seu pai o levou até o Dr. Mariano Sousa para se submeter a novos exames. A princípio o experiente médico da colônia não conseguiu identificar a enfermidade, contudo, quando o rapaz girou o corpo, atendendo ao seu pedido, o Sr. Alberto notou que havia duas manchas em uma determinada parte das nádegas; em seguida, o médico pediu que o Sr. Alberto

pressionasse aquela região com uma agulha, e assim ele fez, todavia, Mariano Filho não sentiu nada. De acordo com o conhecimento médico do período, a falta de sensibilidade em regiões do corpo era um dos indícios da presença da lepra; assim, levando em consideração o diagnóstico já feito em Teresina e os exames realizados na colônia em Parnaíba, o Dr. Mariano concluiu que o rapaz realmente era portador da doença e que deveria ficar internado ali, fato que comunicou em seguida ao pai através de uma conversa particular.

Nesse contexto, em decorrência da perspectiva de tratamento e cura com os derivados da sulfona, alguns estudos indicam que em nível nacional o isolamento não era mais tão rígido quanto nas primeiras décadas do século XX, pelo contrário, havia uma política de isolamento seletivo, voltado, principalmente, para os casos mais avançados da doença. Segundo Oliveira (2012), o medicamento apresentava à possibilidade de cura a longo prazo, inibia o contágio entre os sujeitos doentes (que estivessem submetidos ao tratamento) e sadios e, com isso, proporcionava a realização do tratamento fora da colônia.

Diante disso, foi possível assistir um movimento crescente no número de altas dos leprosários brasileiros. O pai de Mariano Filho foi um exemplo desse cenário; um ano antes, residia e trabalhava em uma firma de curtição de couro em Teresina, quando foi diagnosticado com a doença e encaminhado para Parnaíba. Após alguns meses internado na Colônia do Carpina, ele recebeu alta, comprou uma casa e foi morar com uma nova companheira nas proximidades da instituição, ainda sob vigilância e tratamento médico. Na narrativa de Mariano Filho existem algumas lacunas para quais não tivemos respostas, como por exemplo, onde e como o seu pai teria conseguido dinheiro para comprar uma casa? Teria ele recebido alguma herança? A nova companheira era detentora de posses?

3. Mariano e sua percepção do corpo leproso

Na calçada da casa do prefeito, o menino continuava chorando e indignado com o seu destino. O prefeito, por sua vez, tentava acalmá-lo. Apesar disso, Mariano Filho olhava para o corpo dele e se perguntava: “[...] que prefeito era aquele todo

cheio de curativos?” (SANTOS FILHO, 2018, p. 114). Isso sugere que, no mundo idealizado pelo rapaz, o tipo de corpo que estava a sua frente era inimaginável se tratando da figura de um prefeito, amplamente associada ao poder e ao prestígio social.

Conforme Silva et al (2013, p. 89-90) alguns grupos, considerados os “outros” “[...] são definidos por seus corpos, e as normas sociais os designam, de forma degradante, como desviantes, impuros, feios, repugnantes, doentes e fora de ordem.”. Os indivíduos doentes de lepra em muitas situações como a evidenciada cima – relacionado ao prefeito da colônia – eram julgados, definidos e malvistas em função dos seus corpos. A presença dos corpos leprosos em lugares públicos, em dado momento passou a ser entendida como “fora da ordem”, em decorrência da classificação e rotulação de valores pela cultura dominante (SILVA et al, 2013).

Na primeira metade do século XX, principalmente nas três primeiras décadas, no contexto em que a busca pelo “progresso” se fazia vigente, as construções de colônias de isolamento integraram um projeto de modernidade que visava retirar os leprosos dos meios urbanos, uma vez que, a presença desse tipo de sujeito, com um corpo repleto de marcas ocasionadas pelo avanço da doença, simbolizava o “atraso” e a “incivilidade” de uma sociedade. O corpo leproso era considerado socialmente como desviante, impuro, feio, repugnante (SILVA et al, 2013) e responsável por tornar uma urbe feia, portanto, o próprio corpo era entendido como um espaço indesejado.

Com isso, é possível perceber que o corpo não é tão somente um conjunto de órgãos materiais pertencentes ao plano biológico. Muito além disso, é uma construção social e cultural, de modo que os papéis que lhes são atribuídos têm suas próprias historicidades e razões históricas de ser como é. (PORTER, 1992) Nesse sentido, conforme Porter (1992) as relações estabelecidas entre a mente e o corpo,

⁶ De acordo com Silva et al (2013) pertencem a esse grupo: as minorias étnicas, mulheres, obesos, negros, idosos, homossexuais e deficientes; com esses, incluímos os leprosos, pois a definição dos grupos dos “outros” permite esse enquadramento conforme perceberemos acima no corpo do texto.

por exemplo, dependem historicamente das relações sociais e da cultura em questão; isso quer dizer que as funcionalidades assumidas por esses dois agentes, encaradas muitas das vezes como um dado de ordem natural, se dão, sobretudo, no plano sociocultural. “A distribuição da função e da responsabilidade entre o corpo e a mente, [...] difere extremamente segundo o século, a classe, as circunstâncias e a cultura [...]” (PORTER, 1992, p. 308).

A reflexão de Kleinman, sinaliza que “[...] o ‘corpo’ não pode ser tratado pelo historiador simplesmente como biológico, mas deve ser encarado como mediado por sistemas de sinais culturais” (KLEINMAN apud PORTER, 1992, p. 308). No caso específico do “corpo leproso”, pode-se notar que em nossa cultura sua construção foi influenciada, principalmente, pela tradição judaico-cristã; a narrativa em torno da lepra assumiu à ideia que essa doença resultava dos “pecados” cometidos pelo indivíduo, logo, o corpo enfermo com os seus principais sintomas a amostra produzidos pela doença, era amplamente associado à “impureza”. Esse preceito serviria de base para a construção e disseminação de inúmeros preconceitos relacionados à enfermidade e os seus portadores (as).

Desse modo, enquanto o corpo foi construído historicamente em nossa cultura como inferior à mente (PORTER, 1992), ao corpo leproso coube uma dupla subordinação; a primeira relacionada ao espírito, e a segunda a própria natureza, tendo em vista que a lepra o vitimizava de tal forma que ele era incapaz de combatê-la, sobretudo, em razão da ignorância correlata ao seu agente causador.

Assim, ao mesmo tempo que Mariano Filho observava à figura do prefeito, sua imaginação era tomada pelo contraste entre um corpo leproso enfaixado e um corpo supostamente “ideal”, imaginado a partir de uma “concepção de mundo” construída culturalmente; essa padronização lhe causava dificuldades no processo de aceitação daquele tipo de corpo que se apresentava em sua frente. Assim, inferimos que as indagações de Mariano Filho provinham de um senso comum em torno do que seria um corpo padrão e um corpo “anormal”.

Não obstante o choro e as lamentações, não lhe foi concedida uma alternativa diferente da colônia naquele momento. Essa foi sua primeira internação, onde passaria algo em torno de um ano e quarenta cinco dias; posteriormente, em sua segunda internação, ficou menos de um ano. Nesse momento, a colônia estava em um período de transição, no qual o médico Edilson Pinheiro do Egito (1978-1984)⁷ estava sendo substituído pelo colega de ofício, o Sr. Rivaldo de Araújo Luz (1984-2001) no cargo de diretor da instituição. Com isso, percebe-se que foram quase 10 anos para que ele tivesse uma piora no seu estado de saúde em decorrência da doença, mas quando isso aconteceu, optou por fazer o tratamento ambulatorial na clínica do Dr. Rivaldo. A terceira internação na colônia foi no dia 13 de abril de 2015. Apesar de o personagem ter passado por no mínimo três internações, em contextos históricos distintos, como já devem ter ficado claro, o enfoque desta análise se volta para a primeira vivenciada no ano de 1975.

4. A dinâmica espacial e as relações de poder na Colônia do Carpina

Quando Mariano Filho chegou, a colônia estava organizada fisicamente por meio de alguns pavilhões. Cada um desses espaços recebia um nome de identificação especial conforme às relações que os sujeitos estabeleciam com eles. Nesse sentido, existia o pavilhão dos eventos, também chamado pavilhão social; o pavilhão dos “apostados” (“das pessoas de cama”), onde costumavam acomodar pacientes em estado grave; o pavilhão dos homens e o pavilhão das mulheres, este último era conhecido como “Butiá”. Ainda dentro desses domínios havia uma escola, uma caixa beneficente, uma delegacia (com duas celas, uma destinada aos homens e outras mulheres que descumprissem às regras) e uma prefeitura com um depósito ao seu lado para armazenar os materiais de limpeza da colônia.

O Pavilhão dos eventos era um dos espaços mais frequentados da colônia pelos pacientes. Era nele que ocorriam às festas, sobretudo em datas comemorativas no decorrer do ano, quando “os funcionários da leprosaria promoviam festas dançantes, torneios de futebol, missa, levantamento de mastro com as bandeiras

⁷ Esse recorte se refere ao período que o médico administrou o hospital-colônia.

brasileira, piauiense e parnaibana e outras atividades.” (FERREIRA, 2021, p. 134) Entre aquelas datas estavam à proclamação da república, da independência do Brasil, o aniversário do Piauí, de Parnaíba, da colônia entre outras.

Apesar dos jogos, brincadeiras e gincanas – realizadas ao longo dia – atraírem uma grande parte dos internos, em dias comuns não eram tão frequentes, devido as condições financeiras da instituição. Por isso, muitos dos sujeitos buscavam aproveitar esses momentos festivos em sua integralidade, até mesmo para interagir com as pessoas consideradas sadias que eram autorizadas a participar desses eventos promovidos pela direção da Colônia do Carpina.

À noite, as atividades realizadas durante o dia eram complementadas com uma festa dançante. Com isso, diversos artistas conhecidos nacionalmente apresentavam-se nos palcos da colônia. Nesses momentos, os sujeitos tidos como “sãos” eram convidados e autorizados a se integrarem. Apesar da separação “rígida” que havia o início da festa, em que os pacientes e os considerados sadios ocupavam espaços diferentes para acompanhar o evento, do meio para o fim, depois de algumas doses de conhaque do São de Barra, acabavam se misturando, se abraçando e compartilhando os problemas da vida à base de bastante álcool.

Sendo assim, no mesmo espaço e tempo em que alguns choravam, embriagados recordando suas histórias vividas fora da colônia, outros se apressavam para comprar mais bebidas no bar estrela, que havia no interior do salão de festas. Não menos apressados estavam os casais enamorados na busca de um espaço para compartilharem carinhos e afetos. “Aconteceram muitos namoros e casamentos como resultado dessas festas.” (CARVALHO, 2018, p. 182). Portanto, as relações afetivas existiam e eram bastante comuns entre as pessoas que frequentavam essas festas na colônia, independentemente da condição de saúde. As vezes sujeitos considerados sadios se relacionavam com internas, subvertendo à ordem estabelecida pela medicina convencional. (CERTEAU, 1998)

Uma dessas festas estava para ocorrer nos dias que se seguiriam após a chegada do Mariano Filho. Ele ficou praticamente sem escolhas em relação a sua situação; imaginou em fugir, mas refletiu sobre o desafio que seria sobreviver naquelas matas que cercavam à colônia, que na época era localizada numa área relativamente longe da zona urbana. Assim, sem ver outra saída, concluiu que o melhor a se fazer naquele momento era se conformar mesmo e seguir o tratamento da forma mais comprometida possível para poder ser liberado o quanto antes.

Com isso, Mariano Filho, segundo o próprio, vivia triste e não socializava com quase ninguém. O Sr. Tirço, enfermeiro da colônia no período, havia lhe repassado os remédios e orientado como deveria tomá-los: “uma unidade por dia”. No entanto, justamente no dia de uma daqueles festas, ele acabou tomando dois ou três comprimidos acreditando que ingerindo uma quantidade maior poderia se livrar mais rápido da doença, porém, terminou passando mal, de modo que se o enfermeiro não o tivesse socorrido com outro medicamento teria perdido de acompanhar um pouco da festa.

Essas festas eram aproveitadas, especialmente, pelas mulheres do pavilhão “Butiá”. Não conseguimos identificar claramente o porquê desse pavilhão ser chamado assim pelos internos. Segundo Thiel (2019) o Butiá é “uma planta comum no sul do Brasil, o butiazeiro faz parte da paisagem e da cultura do Rio Grande do Sul.” Além disso, o seu “fruto é utilizado comumente como acompanhamento de cachaça [...]” (THIEL, 2019). É possível que as primeiras associações do pavilhão com o termo “butiá” tenham alguma relação com essa planta, mas conforme o tempo foi passando ele adquiriu um sentido atrelado às identidades das mulheres que moravam lá.

O Butiá era o pavilhão das mulheres ou melhor, de um determinado grupo, mas quem protagonizava a sua “fama” e identificação eram algumas mulheres que viviam nas condições de solteironas, viúvas, divorciadas, separadas e outras que não fossem mais virgens.

Bem, para esse pavilhão iam casais que se formavam com a convivência no próprio HCC, além de viúvas, idosos e em especial todas as ditas “da vida”, as que perdiam a virgindade, as da vida desregrada, ou simplesmente se descobrissem que a mulher estava “na rua” até tarde, fugindo das regras do hospital, pois todos recolhiam-se às 22h no máximo. As virgens, casadas, ou que tivessem um “comportamento exemplar”, quando chegavam ao HCC, iam morar com as “famílias de respeito”, ou idosos que precisassem de ajuda. Mas as não merecedoras dessas considerações, certamente iam direto para o Butiá [...]. Nesse pavilhão, os apartamentos acomodavam em média de duas a três pessoas, em especial do sexo feminino. (NASCIMENTO, 2018, p. 239).

Em linhas gerais, nesse pavilhão moravam, sobretudo, mulheres que vivenciavam suas experiências amorosas em desconformidade com os padrões morais e conservadores ditados pela direção da colônia. Elas não se demonstravam preocupadas com as convenções sociais, mas em viver da forma que julgavam melhor, embora acumulassem sofrimentos em razão dos preconceitos por conta da doença e pelas questões relacionados ao campo moral. Por outro lado, as mulheres que não se enquadravam nessa condição iam residir com alguma “família de respeito” da colônia. Ao que parece existia um pavilhão exclusivo para mulheres solteiras desvirginadas e outros espaços para mulheres casadas e virgens, contudo, não há muitas informações sobre essas mulheres que viviam sob o controle moral da direção da colônia.

Apesar de tudo, as mulheres do Butiá não podiam receber visitas de homens à noite, somente durante o dia. Se algum homem fosse pego lá depois das 18:00 poderia ir preso pela indisciplina. Contudo, havia uma exceção, em “dia de festa na colônia [...], as mulheres do Butiá tinham autorização para dormir com seus companheiros que, após amanhecer, retornavam aos seus pavilhões.” (NASCIMENTO, 2018, p. 240). Por isso, insistimos que observar cenas de casais apaixonados e apressados se dirigindo para dormir no Butiá, depois da meia noite, não deveria ser algo muito incomum nessas ocasiões.

Interessante seria continuar escrevendo essa história, “viajando” pelo Butiá, “assistindo” a Sr.(a) Mendonça⁸ liderando aquele vasto grupo de mulheres, dando

⁸Trata-se de Joana Lopes Gonçalves, uma interna muito famosa entre os demais no período e morava no Butiá.

conselhos às amigas sobre relacionamentos, formando casal com o Sr. Pindorama ou até mesmo reunindo à atenção inteira da colônia, em mais uma de suas brigas com um dos três amantes que tivera, com o qual vivia “entre tapas e beijos”, mas deixaremos essas narrativas para outra ocasião, voltemos a outras questões.

Os indivíduos eram submetidos a uma condição de controle semelhante ao regime da instituição total. Segundo Goffman (2011), essa organização é uma unidade tanto residencial quanto de trabalho onde um conjunto de pessoas segregadas da sociedade mais ampla leva uma vida formalmente fechada e administrada. Na colônia, a partir das vinte e duas horas, “quando batia dez pancadas era o silêncio. Aí o policial, que antigamente era um doente, andava de rede em rede, aquele que não tivesse nela desatava-se e levava pra cadeia, ficava esperando o dono voltar.” (SANTOS FILHO, 2018, p. 115).

A colônia era estruturalmente disciplinada, onde no seu interior era possível perceber um conjunto de relações de poder estabelecidas entre os sujeitos. Assim, o poder de administração, controle e ordenação não estava concentrado apenas na figura do Dr. Mariano Sousa nem de qualquer outro grupo específico, mas era exercido simultaneamente por diferentes instituições internas e indivíduos. Nesse sentido, apontamos somente dois exemplos, o da prefeitura que na figura do executivo buscava conhecer às demandas dos pacientes e levar ao conhecimento do médico diretor para resolvê-las, agindo como um fragmento do poder e assim contribuindo para manter à ordem e a organização da colônia a partir do diálogo; e a delegacia, que servia para “disciplinar” e penalizar os mais exaltados por meio da prisão coercitiva quando julgado necessário.

Com isso, percebe-se que o poder dentro da colônia pode ser explicado pela perspectiva de Foucault (1987) que o concebe como algo distribuído, compartilhado e redirecionado por vários agentes históricos que se relacionam ativamente, e não apenas como uma propriedade de um único sujeito ou instituição. Assim, como se trata de uma distribuição de poder de modo desproporcional, variado, onde cada

sujeito e instituição exercem uma determinada parcela, o autor vai denominar esse processo de microfísica do poder. (FOUCAULT, 1987)

Com isso, percebe-se que o poder dentro da colônia pode ser explicado a partir da ideia da microfísica do poder de Foucault (1987), sendo concebido como algo distribuído, compartilhado e redirecionado por meio de vários agentes históricos que se relacionam ativamente, e não apenas através da subordinação a um único sujeito. Assim, podemos observar que a colônia se organizava a partir de uma distribuição heterogênea e variada do poder, na qual cada sujeito e instituição exercem uma determinada parcela do controle.

Nesse sentido, certa madrugada por volta das duas horas, uma confusão tomou conta de um dos pavilhões, acordando a maioria dos internos; tratava-se de uma briga acirrada entre Mariano Filho e um sujeito – até então estranho para ele – que havia terminado de urinar embaixo da sua rede e lhe dar um chute em decorrência das reclamações feitas pelo primeiro. Quando amanheceu, o indivíduo acabou indo preso e Mariano Filho absolvido. Nessa e em algumas outras situações o próprio personagem central desta análise teve a oportunidade de experimentar à ação das instituições no exercício dos poderes que cabiam a cada uma delas.

O pavilhão dos eventos era um espaço cheio de atratividades, como cinema, TV, sinuca, baralho e outros meios recreativos para os pacientes se distraírem. Nesse local, Mariano Filho esteve envolvido em outra confusão. Em um determinado dia, em que estava jogando baralho com outros sujeitos – apostando fósforo – entrou em um desentendimento com outro rapaz alegando que havia “batido” primeiro numa situação em que os dois haviam vencido quase simultaneamente. Na ocasião Mariano Filho entrou num confronto físico com seu oponente do jogo e outros sujeitos que, por alguma razão não explicada pela versão dele, teriam se envolvido na briga, lhe agredindo com um taco de sinuca. Apesar disso, Mariano Filho destaca que revidou com uns tamancos que encontrou no local – teve um que precisou fazer curativos para estancar o sangue em razão da tamancada que levou na testa.

E aí o que aconteceu? Estamos lá inventando um jogo, só que a gente jogava apostado, era uma caixa de fósforo, essas coisas. Aí eu já tinha perdido um masso de fósforo e só tinha uma caixa, bati e ele bateu em sequência. Todo mundo deu direito a mim porque bati primeiro. Mas ele se zangou, não gostou né, e me deu uns empurrões, foi aquela confusão. O outro menino que estava jogando sinuca, desceu o taco na minha cabeça. E naquela época, estava no auge aqueles tamancos que tinham quase um palmo de altura, com aquelas calças bocas de sino, e estava chovendo, e aí rapaz, *dei nuns caras de tamancos. Soquei na testa de um que ele caiu, foi um sangue danado, e lá vem os soldados, isso foi um reboiço.* (SANTOS FILHO, 2018, p. 116, grifos nossos).

Conforme fica claro acima, existe nessa versão uma tentativa de exaltar os seus feitos, tentando enfatizar sua coragem e o caráter “heroico” da sua ação, quando enfrentou mais de um homem em uma briga e saiu “vencedor” sem nenhuma seqüela, ao mesmo tempo que um dos seus adversários teria ido se submeter a curativos na enfermaria.

Apesar do rumo “heroico”, a narrativa de Mariano Filho contém algumas lacunas e contradições, de modo que, na mesma situação em que “bateu primeiro no jogo e todos lhe deram razão”, no momento seguinte quando começou à briga recebeu uma tacada de um terceiro rapaz que estava jogando sinuca. Se “todos” deram razão a ele, por qual motivo esse último (que em tese não tinha nada a ver com a confusão) lhe agrediu? O que esses utensílios (tamancos) usados no período predominantemente por mulheres estavam fazendo no pavilhão dos eventos? Como esses chegaram a esse ambiente? Havia acontecido alguma festa nesses dias e alguém porventura teria esquecido ali? O que Mariano Filho disse ao seu adversário de jogo que o levou a lhe empurrar? Essas são algumas questões que não ficam esclarecidas na narrativa.

Conforme o próprio Mariano o povo da colônia achava que ele era acobertado pelo prefeito e o delegado, uma vez que, no final dos eventos relatados, em vez de ser preso ele era absolvido e ainda saía com a razão, como vítima de injustiça praticada por terceiros. Embora sua versão assegure uma suposta conduta em conformidade com a “moral e os bons costumes” praticados nesse espaço, não

se pode descartar essa informação que o próprio personagem deixa escapar. Quais motivos (além de ser absolvido nessas duas confusões) os demais internos tinham para suspeitar que Mariano recebia cobertura do prefeito e do delegado? Talvez o fato dele ter trabalhado como ajudante do auxiliar do prefeito corroborasse com esse tipo de pensamento, muito embora, posteriormente, entrasse em novo conflito no emprego, dessa vez com o secretário da prefeitura, pois estava distribuindo alimentos que sobravam das festas e produtos da limpeza sem autorização para as pessoas. Apesar disso, certa vez ele foi preso, quando ajudou chupar umas três mangas que um colega tirou; é porque existia uma regra interna prevendo que as mangas deveriam ser recolhidas e levadas para a prefeitura e só depois que tivessem todas lá é que o prefeito as distribuiria entre os pacientes, inclusive, os que moravam nas casas nos arredores da colônia.

As situações apresentadas são imbuídas de movimentação de ideais, do fluxo contínuo de interações sociais estabelecidas (amistosas ou não) e da diversificação das experiências vivenciadas; essa dinâmica demonstra a existência de espaços, mas para Mariano Filho e os recém-chegados esses só seriam assim identificados conforme se tornaram lugares praticados a partir de suas atuações.

Segundo Certeau (1998, p. 201) o espaço é “[...] animado pelo conjunto de movimentos que aí se desdobram;” nele encontramos às relações sociais, vivências cotidianas e histórias de vida sendo elaboradas. Nesse sentido, Mariano Filho era um dos sujeitos responsáveis por fazer da colônia um conjunto de espaços (CERTEAU, 1998). Assim como muitas outras pessoas teve seu comportamento moldado pela disciplina da instituição: se acostumou e adaptando-se às regras. No entanto, certo dia após se submeter a alguns exames, foi surpreendido com a notícia de que estava apto a receber alta, já poderia voltar para casa.

Com isso, agora ele precisaria se despedir o mais rápido possível de uma quantidade de amigos e amigas que tinha construído nesse tempo, incluindo a própria namorada que havia encontrado nos primeiros meses da internação. Mariano Filho não queria ficar mais nenhum instante longe de casa, por isso, assim

que recebeu à carta do Dr. Mariano para dar entrada no seu benefício e continuar o tratamento fora da colônia, a colocou numa mala e foi comunicar essa novidade aos outros internos (as). Com isso, a Sra. Joaquina⁹ tratou logo de lhe oferecer um conhaque de São João da Barra, que ele acabou tomando por alguma insistência; por causa dessa bebida, teve que adiar a sua viagem em mais algumas horas, porque passou mal.

Finalmente, Mariano Filho conseguiu ir embora e só retornaria novamente à colônia muitos anos depois, quando passou a tomar bebida alcoólica e trabalhar frequentemente em serviços braçais, fato que contribuiu para o avanço progressivo da doença. No seu retorno, a colônia já estava sob a direção do Dr. Edilson, mas esse capítulo da história do personagem ficará para outra oportunidade.

5. Considerações finais

A trajetória deste interno Mariano Mendes dos Santos Filho nos possibilitou analisar alguns aspectos fundamentais relacionados ao corpo leproso, aos espaços da colônia do carpina e a distribuição de poderes nesse meio.

A partir disso, constatamos que, de modo geral, o corpo e o espaço não são apenas matérias. As relações que os sujeitos históricos estabelecem com os espaços, consigo mesmo, com o próprio corpo e com os outros, permitem-nos perceber a existência de uma dimensão que é simbólica, cultural e social em suas constituições. Nesse plano, são os próprios indivíduos os protagonistas das construções dos sentidos e significados para tais objetos.

Assim, percebe-se que o corpo leproso, para além da sua constituição física, em sua formação enquanto produto histórico, teve grande influência do campo científico e, principalmente, religioso que através de distintas maneiras foram responsáveis pelo reforço, construção e perpetuação de alguns preconceitos. Além disso, na cultura ocidental recebeu historicamente um papel de dupla subordinação; uma relacionada à mente (PORTER, 1992) e a outra à própria natureza, pois o

⁹ Uma das internas da colônia que residiu no pavilhão butiá.

corpo leproso assim o era por ser incapaz de superar à doença que lhe acometia. No cenário da Colônia do Carpina, a percepção predominante do corpo leproso estava em alguma medida atrelada aos preconceitos referidos acima.

Em relação aos espaços da colônia percebemos que eram bastante movimentados e recebiam significados atrelados às atividades que eram desenvolvidas ou ao perfil das pessoas vinculadas a eles. O pavilhão dos eventos, por exemplo, congregava o sentido de lazer, enquanto o butiá relacionava-se pejorativamente à condição moral das mulheres que habitavam lá. O próprio corpo leproso poderia ser visto/entendido como um tipo de espaço, que foi preenchido pelos indivíduos historicamente conforme seus costumes, hábitos, crenças e valores; nesse caso, inferimos que foi construído como um espaço indesejado, repugnante, feio e anormal, principalmente por conta das influências que recebeu dos campos já mencionados.

Por fim, as relações estabelecidas nesses espaços da colônia eram pautadas numa distribuição de poderes, entre indivíduos e instituição internas, logo, isso nos levou a concluir que a ideia da existência de uma autoridade concentradora de todo o poder ali instituído não é viável, tendo em vista que diversas pessoas desempenhavam funções consideráveis na manutenção da colônia.

REFERÊNCIAS

FONTES

CARVALHO, Zulmira de Oliveira. **Zulmira de Oliveira Carvalho**: depoimento [2007]. Entrevistadora: Isaura Santos Castelo Branco. **Hospital Colônia do Carpina sua história, sua gente**. Parnaíba, Sicart, 2018. Entrevista concedida para a construção do livro sobre a colônia.

PIAUI. Decreto nº 398, de 15 de julho de 1941. Dá a denominação de Colônia do Carpina ao atual leprosário São Lázaro. **Diário Oficial do Estado do Piauí**, Teresina, PI, 1941.

SANTOS FILHO, Mariano Mendes dos. **Mariano Mendes dos Santos Filho**: depoimento [abr.2017]. Entrevistadora: Márcia Maria da Costa Nascimento.

Revista Espacialidades [online]. 2022.1, v. 18, n. 1, ISSN 1984-817X [19]

Hospital Colônia do Carpina sua história, sua gente. Parnaíba, Siart, 2018. Entrevista concedida para a construção do livro sobre a colônia.

THIEL, Catarine. Curiosidade sobre o Butiá. **Embrapa**, Brasília, 03 de abril de 2019. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/42413422/curiosidades-sobre-o-butia>>. Acesso em dia: 10 de janeiro de 2023.

BIBLIOGRAFIA

ALVARENGA, Antonia Valtéria Melo. **Desenvolvimento e segregação:** políticas de modernização e isolamento compulsório de famílias afetadas pela lepra no Piauí (1930-1960). 2011. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

ANTUNES, Isa Cristina Barbosa. **Leprosário São Francisco de Assis (1923-1941):** o espaço físico e as práticas médicas. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

CASTRO, Elizabeth Amori de. **O Leprosário São Roque e Modernidade:** uma abordagem da Hanseníase na perspectiva da relação Espaço-Tempo. 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** Petrópolis: Vozes, 1998.

FERREIRA, José Jhonys. **A HISTÓRIA DA LEpra NO PIAUÍ:** a fundação da Colônia do Carpina e o tratamento aos leprosos em Parnaíba (1931-1939). 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** O nascimento do hospital. Rio de Janeiro, Graal 1993.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos.** Tradução de Dante Moreira Leite. 7ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

MONTEIRO, Yara Nogueira. **Violência e profilaxia: os preventórios paulistas para filhos de portadores de hanseníase.** Saúde e Sociedade, São Paulo, v.7, n.1, p. 3-26, fev.1998.

NASCIMENTO, Marcia Maria da Costa e Et al. **Hospital colônia do Carpina:** sua história, sua gente. (Org.) Marcia Maria da Costa Nascimento. Parnaíba: Siert, 2018.

OLIVEIRA, Carolina Pinheiro Mendes Cahu de. **De Lepra à Hanseníase: Mais que um nome, novos discursos sobre a doença e o doente. 1950-1970.** 2012. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter. **A escrita da História.** São Paulo: editora Unesp, 1992.

SILVA, Joseli Maria, et al. O corpo como elemento das geografias feministas e queer: um desafio para análise no Brasil. In: SILVA, Joseli Maria, et al; ORNAT Márcio José; CHIMIN JR., Alides Baptista (org). **Geografia malditas: corpos, sexualidades e espaços.** Ponta Grossa: Toda Palavra, 2013.